



ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 02 ISSN 2179 - 3441

Nos arquivos de Foucault: sobre a gênese de “Nietzsche, a genealogia, a história”¹

In Foucault’s archives: on the genesis of “Nietzsche, genealogy and history”

Ernani Chaves 

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professor Titular da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém, PA, Brasil.

Contato: ernanic6057@gmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa realizada nos Arquivos de Michel Foucault, depositados na Biblioteca Nacional da França, em especial no que diz respeito às anotações preparatórias ao artigo “Nietzsche, a genealogia e a história”, publicado em 1971, em homenagem a Jean Hyppolite, que havia falecido dois anos antes. O trabalho com esse material é importante na medida em que traz à luz o modo como Foucault trabalhava e a maneira pela qual a partir da década de 1960 ele interpreta o pensamento de Nietzsche. Procuo mostrar, enfim, de que maneira o exercício filológico realizado por Foucault torna possível um acesso muito profícuo ao pensamento de Nietzsche, para além das leituras que privilegiam questionar a justeza da sua interpretação.

Palavras chave: Origem. Proveniência. Emergência. História.

Abstract: The aim of this article is to present the results of research carried out in the Archives of Michel Foucault, deposited at the National Library of France, in particular with regard to the preparatory notes to the article “Nietzsche, genealogy and history”, published in 1971, in honor of Jean Hyppolite, who had died two years earlier. Paying attention to this material is important as it sheds light on the way Foucault worked and on how he interprets Nietzsche's thought from the 1960s onwards. I seek to show, finally, how the philological exercise carried out by Foucault makes possible a very fruitful access to Nietzsche's thought, beyond readings that favor questioning the accuracy of Foucault's interpretation.

Keywords: Origin. Provenance. Emergence. History.

¹ Este artigo é resultado de um período de pesquisas em Paris, durante o 1º Semestre de 2015. Agradeço ao CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa do Brasil, pela bolsa de estudos concedida e ao Dr. Paolo d’Iorio, por ter-me abrigado no ITEM da École Normale Supérieure da rue d’Ulm. Retornei a Paris para curtas temporadas de pesquisa e consulta a bibliotecas nos anos subsequentes até 2019. Uma versão bem resumida deste artigo foi publicada em um livro em homenagem ao Prof. Giuliano Campioni (CHAVES, 2015). Agradeço ainda a Rogério Lopes pela cuidadosa leitura da primeira versão deste artigo.

À memória de Daniel Defert, por sua simpatia e generosidade.

1. À guisa de introdução.

Nietzsche e Foucault, Nietzsche por Foucault: eis um dos temas e questões dos quais tanto a recepção de Nietzsche quanto a de Foucault se ocuparam bastante. Recepção cada vez mais complexa e problemática, na medida em que são publicados, a cada ano, novos volumes de inéditos de Foucault. De fato, a renovação dos estudos sobre Foucault começa em 1994, quando a editora Gallimard lançou os quatro volumes dos *Dits et écrits*, que totalizam, aproximadamente, quatro mil páginas, que reúnem artigos, conferências, entrevistas, resenhas, prefácios e introduções para livros, publicados desde 1954. Em seguida, a partir de 1997, a publicação dos Cursos proferidos no Collège de France, desde 1970-1971 até a sua morte em 1984. Em 2010, por sua vez, a editora Vrin começa a publicar uma outra série de volumes, que reúnem, por sua vez, numerosos cursos e conferências, grande parte advindos de arquivos no exterior, em especial dos EUA e Canadá. E, mais recentemente, a publicação de cursos ainda inéditos ministrados em universidades francesas, como os de Clermont-Ferrand e de Paris-Vincennes, sobre a sexualidade, proferidos em 1966 e 1969 respectivamente, assim como os diversos cursos proferidos durante a década de 1950, quando Foucault ocupou a docência em Psicologia na Universidade de Lille ou ainda em seminários realizados na Escola Normal Superior de Paris, onde era “tutor”. Este ano, fomos surpreendidos pela publicação de um livro que havia permanecido inédito, intitulado *O discurso filosófico*, escrito em 1966, no calor do sucesso e das polêmicas que envolveram *As palavras e as coisas*, publicado naquele mesmo ano.

Esse imenso conjunto de textos tem modificado, sem dúvida, a recepção de Foucault, o que atinge também os estudos de sua relação com Nietzsche. No Brasil, essas mudanças se fazem sentir já há bastante tempo na recepção de Foucault, apesar da dependência, em especial nos pesquisadores da nova geração, em relação às traduções. Ao contrário da minha geração de estudantes, para quem o francês era a língua filosófica por excelência, hoje em dia o estudo da língua francesa está, no geral, extremamente reduzido e muito pouco estimulado, ao mesmo tempo em que, por vários motivos, a exigência de um conhecimento mínimo da língua original dos filósofos e filósofas para a escrita de um mestrado ou um doutorado em Filosofia também diminuiu bastante. De todo modo, é visível e relevante o impacto que a publicação dos cursos no Collège de France, por exemplo, continua tendo sobre a recepção de Foucault entre nós.

O contrário, entretanto, se mostra no interior da pesquisa brasileira sobre Nietzsche. Causa estranheza o quanto ainda se continua a repetir um tipo de leitura plena das interpretações advindas de querelas que começaram no final da década de 1970, a propósito da questão do pós-modernismo, por exemplo, intensificadas pela

crítica de Habermas e sua escola, que incluía tanto Nietzsche quanto Foucault no rol dos irracionais na teoria e dos conservadores na prática. Entretanto, no geral, se procura como que salvar Nietzsche dessas críticas, mas, ao mesmo tempo, optou-se em muitos casos por separá-lo de Foucault e assim considerar justas as críticas de Habermas a este último. Desse modo, há ainda os que continuam indiferentes a esse extraordinário e gigantesco aumento da obra de Foucault e ainda se valem de marcas de leituras, cujo sentido não podia ser plenamente compreendido quando da publicação de alguns dos seus textos.

Assim, passagens de textos e entrevistas de Foucault, nas quais ele falava de Nietzsche com uma retórica bem ao gosto do próprio Nietzsche, aliás – como aquela em que diz que a única atitude possível para reconhecer a importância e a grandeza do pensamento de Nietzsche é “precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar”² ou ainda de que toda teoria é uma “caixa de ferramentas”, uma caracterização que foi inicialmente feita por Deleuze e incorporada por Foucault (1979, p. 143)³ – são tomadas muitas vezes literalmente ou ainda sem um conhecimento do contexto mais exato nas quais se situavam. O que mais impressiona é o quanto a semelhança entre a publicação dos póstumos de Nietzsche e a dos inéditos de Foucault no que diz respeito ao impacto provocado na interpretação de suas filosofias continua quase inteiramente ignorado, se persistindo em repetir o já conhecido da obra de Foucault até três décadas atrás. Há exceções, evidentemente. Da mesma forma como aprendemos muito com o rigor dos estudos histórico-filológicos, genéticos e contextuais de Nietzsche, associando textos publicados, póstumos, correspondência e estudo de fontes, se faz necessário igualmente tomar o estágio atual de publicação das obras de Foucault com o mesmo rigor. Sem contar outra semelhança importante, que diz respeito à existência dos arquivos, que até um passado recente exigiam a viagem a Weimar, no caso de Nietzsche e que agora ainda exigem a consulta aos arquivos de Foucault depositados na seção de Manuscritos do prédio da rue Richelieu da BNF, em Paris ou ainda no

² Trata-se da entrevista “Sobre a prisão”, de 1975, logo após a publicação de *Vigiar e punir*. Retirada do seu contexto imediato e mediato, essa declaração perde muito de seu sentido. O contexto imediato: a crítica de Foucault aos métodos de leitura dos textos filosóficos na França e que fizeram parte de sua formação, baseados em Guérout e Goldschmidt, questão que nessa entrevista inicia com a discussão a propósito das leituras de Marx, em especial contra a de Althusser. Ou seja: não se trata da leitura específica de Foucault sobre Nietzsche, mas de sua leitura dos filósofos em geral. O mediato: diz respeito à retomada de uma leitura política do pensamento de Nietzsche para além da discussão sobre sua apropriação pelo nazismo e pelo embate contra as políticas baseadas nas teorias ditas “universalizantes” como o marxismo e a psicanálise. A esse respeito, ver Ansell-Pearson (1991).

³ Ver a respeito Oulc’hen, H. (dir.), 2014; Boutin, S. “Die Dramatisierung der Macht. Zur Genealogie von Foucaults Metapher der Werkzeugkiste”, 2015. Uma discussão pormenorizada das diversas interpretações dessa imagem, se encontra em Francisco Vásquez García (2021). O autor intitula essa seção, significativamente, de “Grandezas e misérias de uma imagem: a ‘caixa de ferramentas’”. Na recepção brasileira dessa mesma metáfora/imagem, ver o artigo bem esclarecedor de Alvarez (2015).

IMEC/Centre Michel Foucault, localizado na Abadia d’Arsenne, próxima a Caen, na Normandia. Em breve serão publicados os cursos de Foucault sobre Nietzsche proferidos em Lille, o que acrescentará mais um item na complexa relação que ele estabeleceu com o autor da *Genealogia da moral*. Enfim, minha posição é que interpretações que alinham pura e simplesmente Foucault à pós-modernidade ou ainda que caracterizam seu pensamento como pós-estruturalista não são mais compatíveis com o estado atual da publicação de suas obras e das pesquisas sobre seu pensamento. Tais questões e polêmicas são, sem dúvida, um capítulo importante do pensamento filosófico contemporâneo, mas que não podem mais servir como diretrizes interpretativas para um pensamento como o de Foucault.

O objetivo deste artigo é mostrar o quanto pode ser instrutivo e explicativo o trabalho com os manuscritos de Foucault, retomando a pesquisa que fiz nos Arquivos no primeiro semestre de 2015 e ampliando seus resultados para além do que já publiquei, conforme já referido. O trabalho nos Arquivos nos oferece uma importante fisionomia da interpretação foucaultiana de Nietzsche, sem permanecer num certo lugar comum. Embora se trate de um artigo publicado em 1971, ele começou a ser escrito por volta de 1968-1969, coincidindo com uma série de homenagens a Jean Hyppolite, que havia falecido em 1968 e que aparecem em pelo menos dois outros textos de Foucault do mesmo período: o primeiro, o necrológio dedicado ao mestre e simplesmente chamado “Jean Hyppolite 1907-1968” (FOUCAULT, 1994, I, p. 779), que tinha sido uma fala na École Normale em janeiro de 1969, publicado no número de abril-maio da *Revue de métaphysique et de morale* daquele mesmo ano; o segundo, se trata da parte final da aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970; aqui, Foucault rende mais uma vez uma homenagem a Hyppolite, para cuja vaga no Collège Foucault havia sido indicado, mostrando em que medida sua interpretação de Hegel foi decisiva para a geração do pós-guerra (FOUCAULT, 2004, pp. 72 ss.). Desse modo, podemos compreender que o texto sobre Nietzsche tenha sido dedicado a Hyppolite, o grande intérprete de Hegel e sob cuja orientação o próprio Foucault havia escrito sua monografia de final do curso de graduação exatamente sobre Hegel, à luz das palavras de “Zaratustra” a propósito das relações entre professor e aluno: “Retribuímos mal a um professor, se continuamos apenas alunos. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa”? (ZA I, Da virtude dadivosa 3). O laço da amizade e da admiração que ligou Foucault a Hyppolite não o impediu de afastar-se do hegelianismo, do qual seu mestre tinha sido uma figura-chave⁴.

⁴ A esse respeito comenta Martin Saar: “O empenho de Foucault em relação a Nietzsche em seu artigo ‘Nietzsche, a genealogia, a história’, aparece em um volume em memória de Jean Hyppolite, a quem já tinham sido dedicadas, com paixão, as primeiras e últimas páginas da aula inaugural [A ordem do Discurso, aula inaugural no Collège de France, proferida em dezembro de 1970 - EC]. Não deixa de haver uma certa ironia, no exercício desse jogo com a máscara de Nietzsche, no dever de homenagear um grande intérprete de Hegel e em certa medida um extraordinário filósofo acadêmico clássico” (2007, p.198). Reitero que o

2. Nos arquivos de Foucault

Publicado em 1971, o artigo “Nietzsche, la généalogie, l’histoire” (FOUCAULT, 1994, II, pp. 136-156; 1979, pp. 15-37)⁵ se tornou um dos trabalhos mais citados na extensa bibliografia existente sobre Nietzsche. Nele, Foucault realiza um esforço de interpretação da concepção de história em Nietzsche, cuja base é o trabalho filológico. Segundo ele, uma compreensão mais profunda da ideia de história do autor do *Nascimento da tragédia* exige a compreensão das diferenças no uso feito por Nietzsche das palavras *Ursprung*, *Entstehung* e *Herkunft*, todas elas implicadas com as ideias de origem, começo, surgimento, proveniência, nascimento.

Entretanto, é importante ressaltar que por ocasião da publicação dos *Dits et écrits* em 1994, a edição publicada na *Hommage a Jean Hyppolite* (FOUCAULT, 1971, pp. 145-172) foi comparada com o manuscrito, o que tornou possível a publicação desse artigo de uma forma mais fidedigna, em especial no que diz respeito às referências aos textos de Nietzsche e às transcrições de Foucault de passagens diretamente do alemão das obras de Nietzsche citadas. Não vou fazer aqui uma comparação exaustiva entre as duas versões do texto, embora pareça óbvio que a publicação a partir dos manuscritos seja muito mais completa e rigorosa do ponto de vista filológico, o que a torna a versão que deve ser lida. Por fim, na medida em que a tradução brasileira segue o texto publicado em 1971 e que permaneceu idêntica em todas as reedições da *Microfísica do poder* até a mais recente, de 2014, isso significa que tanto o leitor quanto as interpretações brasileiras desse texto se ressentem do conhecimento dessas questões editoriais. O mesmo se estende à recepção internacional do artigo de Foucault anterior à publicação dos *Dits et écrits*.

Meu objetivo principal aqui não é o de examinar a justeza da interpretação de Foucault, que também já foi objeto de muita discussão e críticas nesses mais de cinquenta anos que nos separam da publicação do artigo. O que gostaria de mostrar nesse momento, de uma maneira ainda até certo ponto embrionária, é o processo de preparação desse artigo a partir das anotações do próprio Foucault, ainda inéditas, e que se encontram à disposição dos pesquisadores, no setor de manuscritos da Biblioteca Nacional da França (site Richelieu). Com isso, pretendo também apresentar uma imagem do processo de trabalho de Foucault para além do estereótipo e da

livro de Saar é uma das interpretações mais importantes acerca da questão da genealogia em Nietzsche e Foucault.

⁵ Citaremos o artigo de Foucault tomando como referência a edição francesa publicada no segundo volume dos *Dits et écrits* (de 1994, sinalizado pela sigla DE, seguido do volume em romanos e do número da página) e à edição brasileira, na coletânea *Microfísica do poder* (de 1979, sinalizado pela sigla MP, seguido do número da página). Todas as traduções dos *Dits et écrits* são de minha inteira responsabilidade.

caricatura, a partir dos quais muitas vezes ainda é apresentado o pensamento dos chamados pós-estruturalistas franceses.⁶ Esta, por sua vez é uma designação tão geral quanto imprecisa, uma vez que entre aqueles implicados nessa rubrica existem muito frequentemente diferenças intransponíveis, como por exemplo o da distância crítica entre Foucault e Derrida.

O interesse de Foucault por Nietzsche remonta ao começo dos anos 1950. Em 1953, relembra seu amigo Maurice Pinguet, Foucault aproveita as férias na Itália para ler a *Segunda Consideração Intempestiva* (ERIBON, 1991, p. 72). Nesse mesmo ano, dá algumas aulas sobre Nietzsche na Universidade de Lille (FOUCAULT, 1994, I, “Chronologie”, p.19). Ele próprio dirá, incontáveis vezes, o quanto a leitura de Nietzsche foi importante para seu próprio pensamento. Vejamos alguns exemplos: já no “Prefácio” à 1ª edição da *Histoire de la folie*, ele incluirá sua pesquisa “sob o sol da grande pesquisa nietzschiana” (FOUCAULT, 1994, I, p. 162). Ou ainda, em 1975, no interior das discussões sobre *Vigiar e punir*, dirá: “Se eu fosse pretensioso daria como título geral ao que faço: genealogia da moral” (FOUCAULT, 1994, II, p.753). Em uma longa entrevista em fins de 1978, lembrará de que seu engajamento no Partido Comunista no começo dos anos 1950 acabava por transformá-lo numa espécie de “comunista nietzschiano”, um paradoxo ou um oxímoro, do qual ele tinha plena consciência: “Ser ‘comunista nietzschiano’ era verdadeiramente inviável e, se se quisesse, ridículo. Eu sabia bem disso” (FOUCAULT, 1994, IV, p. 50).⁷ Por fim, em 1984, próximo de sua morte, no “Prefácio” à edição inglesa de “A vontade de saber”, o primeiro volume da *História da sexualidade*, afirma que deve a Nietzsche, no começo dos anos 1950, o acesso a um tipo de questão “que rompia com a dupla tradição da fenomenologia e do marxismo” (FOUCAULT, 1994, IV, p. 581). Entretanto, em todos os seus livros do chamado período arqueológico, *História da loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*, Nietzsche desempenha um papel importante e muitas vezes decisivo em sua argumentação. O que já valeria, no momento em que nos encontramos hoje, uma dissertação ou uma tese à parte, tendo em vista o imenso material disponível nos inéditos e a já considerável extensão da bibliografia secundária sobre o tema em diversas línguas.

Entretanto, a publicação de *Nietzsche, a genealogia e a história* (NGH) me parece constituir uma importante ruptura no interior da interpretação que Foucault fez de Nietzsche. Não se trata mais, nesse artigo, de um Nietzsche demasiado impregnado de Bataille, Blanchot e Klossowsky, tal como a referência a Nietzsche aparecia nos livros e textos do período “arqueológico”, associada às questões da linguagem, da interpretação, assim como da transgressão. Esse outro Nietzsche, cuja moldura já estava, de todo modo, sendo armada há algum tempo, estava cada vez mais comprometido com o *tournant* do pensamento de Foucault, preocupado agora com o

⁶ Ver a respeito a entrevista esclarecedora de Daniel Defert (2022).

⁷ Ver a respeito NIGRO (2015, pp. 71-83).

tema das relações entre saber, poder e verdade. Nesse processo, o conhecimento dos trabalhos de Montinari em Weimar e a preparação de uma nova edição crítica da obra de Nietzsche desempenharam também um papel importante⁸. No mínimo, levaram Foucault não só a desconfiar, mas igualmente a deixar de lado a edição francesa da *Vontade de potência*, organizada e traduzida por Genéviève Bianquis, que havia sido referência para toda uma geração de franceses interessados em Nietzsche. Mais importante ainda: creio que o trabalho de Colli e Montinari tornou possível a Foucault, conhecedor profundo da língua alemã, a passar do reconhecimento da importância da filologia para o pensamento do próprio Nietzsche, para um outro reconhecimento, o de que o trabalho filológico é fundamental para a interpretação desse pensamento.⁹ Com isso, não quero filiar inteiramente a interpretação que Foucault fez de Nietzsche àquela preconizada por Montinari, mas insisto em assinalar a importância da comunicação de Montinari em Royaumont realizado em 1964, na determinação dos caminhos que levaram Foucault a redigir NGH¹⁰.

Entre os manuscritos de Foucault que se encontram na BNF, temos um conjunto de 1045 páginas, escritas em folhas de tamanho A5, muitas das quais em frente e verso, na Caixa Nº XXXII, intitulada “A filosofia alemã (Nietzsche, Schopenhauer, Hegel etc.)”. Nesse conjunto de anotações, provavelmente iniciadas em 1952, encontramos diversas notas sobre Nietzsche e Heidegger, outras sobre temas do pensamento de Nietzsche (“appetit de puissance”, “connaissance et ressemblance”, “la démocratie”, “l’eternel retour” etc.), sobre livros específicos de Nietzsche, sobre intérpretes de Nietzsche (em especial, notas da intensa leitura dos livros de Löwith, seja aquele sobre o eterno retorno, consultado na 1ª edição alemã, de 1935, seja o *De Hegel a Nietzsche*), sobre a relação de Nietzsche com diversos filósofos (Spinoza, Hegel, Kant, Kierkegaard,

⁸ Como se sabe, Deleuze convidou Colli e Montinari para exporem os primeiros resultados de seu trabalho no Colloque de Royaumont, em 1964, do qual o próprio Foucault participou. Sobre a importância dessa participação para Montinari, cf. CAMPIONI (1992, p. 130). Em 1967, mesmo ano em que as Atas do Congresso de Royaumont foram publicadas, Foucault, juntamente com Deleuze, publica a “Introduction générale” à edição francesa da edição Colli-Montinari, na Gallimard (DE I, p. 561).

⁹ No “Prefácio” ao *Nascimento da clínica* (1963) é Nietzsche, “o filólogo”, que distanciando-se de Kant, estabelece uma nova concepção de crítica (FOUCAULT, 2020, pp. XIV-XV). Em *As palavras e as coisas* (1966), mais uma vez é Nietzsche, “o filólogo”, que torna possível uma reflexão radical sobre a linguagem no século XIX (FOUCAULT, 1981, p. 321). Este tipo de caracterização não significa que Foucault esteja valorizando o “filólogo” em detrimento do “filósofo”. Muito pelo contrário e bem de acordo com a posição do próprio Nietzsche, se trata de mostrar a imbricação necessária entre uma filologia a contrapelo e o projeto filosófico nietzschiano.

¹⁰ Embora assinada por Colli e Montinari, aquele não foi a Royaumont. Coube a Montinari ler o texto, que se intitulava, significativamente, de “Estado dos textos de Nietzsche” (COLLI e MONTINARI, 1967). O texto apresentava alguns resultados do trabalho que, principalmente Montinari, realizava nos Arquivos de Weimar desde 1958., a partir da comparação entre os manuscritos e a conhecida *Gross-Oktave-Ausgabe* das obras de Nietzsche, no que diz respeito aos escritos póstumos. A propósito, escrevem os autores: “É preciso pois que publiquemos cada um dos cadernos de notas escritos por Nietzsche, seguindo a ordem cronológica de sua redação”.

Schopenhauer, Rousseau, Feuerbach), notas sobre Nietzsche e Burckhardt, Dühring ou ainda sobre suas relações com os “russos”, em especial Dostoiévski e Tolstói.

Desse imenso material, trabalhei especialmente com aquele mais diretamente relacionado à redação de NGH e que se encontra no envelope intitulado “Genealogia”. É impossível datar com exatidão essas anotações, pois nem as fichas nem os envelopes são datados. Mas elas podem muito bem ser pensadas como constituindo uma espécie de “biblioteca pessoal, sempre disponível”, que Foucault utiliza sempre que precisa (EWALD; HARCOURT, 2015, p. 247)¹¹. Entretanto, é possível afirmar que as anotações que apresento agora remontem no mínimo a 1964. Naquele ano, por ocasião do Colóquio de Rayaumont acima referido, Foucault apresentou seu texto “Nietzsche, Freud e Marx”. Essa hipótese se sustenta no fato de que nesse texto, Foucault já se refere à distinção entre “começo e origem” em Nietzsche, no contexto do tema do inacabamento da interpretação (FOUCAULT, 1994, I, p.569), de tal modo que em consequência dessa distinção, não haveria para Nietzsche “um significado original” (FOUCAULT, 1994, I, p. 572).

Do envelope “Genealogia”, destaco cinco grandes grupos de anotações. O primeiro grupo, composto por 25 anotações, tem como ponto de partida o “Prefácio” à *Genealogia da moral* e desse grupo quatro anotações estão referidas em NGH, feitas a partir da paginação da edição francesa traduzida por Henry Albert. Já nesse primeiro grupo encontramos uma anotação, na qual a questão da “origem” é claramente colocada. Trata-se de uma anotação referente ao §244 de *Além de bem e mal*, que aparece da seguinte forma, na ficha de número 5:¹²

multiplicité généalogique de perspectives
l'origine multiples (verschiedenen Ursprungs)
son provenance (Herkunft)
Par de là §244.

Esse tipo de anotação mostra algo muito importante, que se repete em todas as outras, qual seja, que Foucault sempre compara a tradução francesa com o original alemão – em geral corrigindo a tradução de Henry Albert – e que sempre considera importante anotar ao lado da expressão em francês seu correspondente em alemão. Esse aforismo de *Além de bem e mal* é referido duas vezes em NGH (FOUCAULT, 1994,

¹¹ A utilização dos manuscritos de Foucault levanta uma série de questões de ordem “metodológica”, uma vez que nem sempre é possível datar com exatidão essas anotações. Segundo Ewald e Harcourt, por ocasião da publicação do curso pronunciado em 1972-1973 no Collège de France, *Teorias e instituições penais*, essas fichas possuem uma “autonomie”, uma vez que não são anotadas com uma finalidade prévia; desse modo elas podem servir a diversos propósitos (FOUCAULT, 2015, p. 247).

¹² A numeração das fichas é feita por mim e não por Foucault, na tentativa de facilitar meu próprio entendimento. Devo ressaltar que em 2015 os pesquisadores não podiam utilizar nem canetas nem máquinas fotográficas, muito menos aquelas instaladas em aparelhos celulares, que deveriam permanecer desligados, durante os trabalhos nos Arquivos da BNF. Com isso, fiz todas as anotações a lápis em um caderno, seguindo as disposições gráficas das anotações nos manuscritos.

II, pp. 140 e 141, MP, p. 20), no contexto da crítica à ideia largamente difundida na Alemanha a propósito do que haveria de próprio aos alemães, o que colocava em questão, como o diz explicitamente Foucault, a problemática da “raça”. Ora, a crítica de Nietzsche visa mostrar que ao contrário da pretendida profundidade da “alma alemã” esta é “sobretudo, de origem múltipla e diversa (*vielfach, verschiedenen Ursprungs*), mais composta e sobreposta do que construída: isso se deve a sua proveniência (*Herkunft*)” (BM 244)¹³.

Ora, se estivéssemos mais atentos ao que Foucault pretendia chamar atenção e menos à assinalação das insuficiências de sua interpretação, basta lembrar que logo em seguida neste mesmo aforismo Nietzsche se refere à problemática da “raça” em consonância com sua crítica à pretensa “profundidade” da alma alemã para reafirmar, de acordo com as posições de Rudolf Virchow, que em vez de uma raça pura, os alemães são constituídos pela “mais extraordinária mistura e amálgama de raças, talvez até mesmo com uma preponderância de elementos pré-arianos [...]” (BM 244)¹⁴. Relembremos a advertência de Foucault logo no início de seu artigo, de que haveria em Nietzsche dois empregos da palavra *Ursprung*, um que não é “marcado”, ou seja, que é intercambiável com outros, tais como *Entstehung, Herkunft, Abkunft, Geburt*, dando como exemplo passagens da *Genealogia da moral* e de *A gaia ciência* e um marcado, no qual se trata não de uma alternância entre termos, mas de uma oposição. Não por acaso portanto, Foucault chama atenção, na anotação que transcrevi acima, às “multiplicidades genealógicas das perspectivas”, ou seja, de que o uso de *Ursprung* introduz, de imediato, a questão da historicidade na análise de Nietzsche, a qual, posteriormente, será chamada de “genealogia”. Haveria, portanto, duas concepções de *Ursprung*, que se contrapõem, uma que diz respeito ao seu sentido metafísico e outra, tal como nesse aforismo de *Além de Bem e Mal*, na qual a ideia de historicidade se vincula a de perspectivismo.

O segundo grupo de anotações tem como título geral “Ursprung”. Foucault anota o nome do livro, o número do aforismo e o tema do aforismo ou algo que nele lhe chama atenção, nos quais a problemática do *Ursprung* aparece. São três aforismos de *Aurora* (A 44, 102 e 62), cinco de *A Gaia ciência* (GC 84, 110, 151, 353, 355), seis do

¹³ As edições brasileiras das obras de Nietzsche por mim referidas estão nas Referências Bibliográficas. Sempre que considerar necessário modifico a tradução brasileira à luz dos esclarecimentos de Foucault acerca da terminologia de Nietzsche.

¹⁴ É importante lembrar que o debate acerca da questão da raça está presente com todo vigor na Alemanha, por volta de 1885. Por ocasião da publicação de uma pesquisa acerca da composição étnica dos alemães, sob os auspícios da Sociedade Alemã de Antropologia, Etnologia e Pré-História, o tipo “louro” constituiria 31% da população alemã, o “moreno”, 14% e o “intermediário”, 54%. Como se vê, não há “pretos” (sic!). Segue-se um debate acalorado entre, de um lado, os defensores de um “pangermanismo racial” e, de outro, Rudolf Virchow, já um eminente médico pesquisador, considerado o “Pai da Patologia Celular”, destacando o amálgama que caracterizaria os alemães. Não por acaso, Virchow é citado em passagem importante da *Genealogia* acerca desta questão (GM I 5). Ver a respeito, ORSUCCI (2001, pp. 198–206).

Primeiro Livro de *Humano, demasiado humano* (HH I 1, 92, 111, 232, 249, 479), dois de *O andarilho e sua sombra* (AS 119, 209), dois de *Além de bem e mal* (BM 253, 244), quatro de *Para a genealogia da moral* (GM, Prefácio 3, 4, 5 e I 2). Desse grupo, apenas dois aforismos são citados em NGH; num deles, o §92 de *Humano, demasiado humano I*, Foucault anota o título em alemão (*Ursprung der Gerechtigkeit*). Aliás, em todos os aforismos das duas partes de *Humano, demasiado humano* acima relacionados, Foucault sempre anota em alemão o título ou uma frase do aforismo que lhe interessou.

A referência ao §92 de HH I é bastante exemplar do argumento de Foucault quanto à utilização do *Ursprung* por Nietzsche. Em primeiro lugar, Foucault se mostra absolutamente atento às distinções clássicas feitas pelos intérpretes mais variados a respeito das possíveis divisões da obra de Nietzsche. Segundo ele, o uso que Nietzsche faz da palavra *Ursprung* nesse aforismo é modificado, dez anos depois, pelo emprego e pelos “jogos próprios” que essa palavra possui no “Prefácio” da *Genealogia*: “O objeto da pesquisa”, diz Foucault a respeito da GM, “é definido no início do texto como origem dos preconceitos morais; o termo então utilizado é *Herkunft*” (FOUCAULT, 1994, II, p. 138; 1979, p. 17). A partir disso, ele vai então concluir que os diversos aforismos de HH I, que tratam da origem da moralidade, da ascese, da justiça e do castigo poderiam ser agora relidos trocando-se *Ursprung* por *Herkunft*.

Ora, quem lê atentamente o §92 de HDH I vai imediatamente perceber que a origem da justiça já é caracterizada aqui de um ponto de vista histórico, de tal maneira que o uso de *Ursprung* nesse caso não significa, de maneira nenhuma, apontar para uma origem metafísica da justiça. Ao contrário, Nietzsche não apenas remonta ao debate entre os enviados atenienses e mélios em *Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, como também conclui que a origem da justiça consiste no mecanismo da troca, mecanismo, entretanto, que foi esquecido, de tal modo que o caráter egoísta e interessado da justiça foi substituído pela ideia de altruísmo. Sabemos o quanto esse argumento retorna, com mais força, na Segunda Dissertação da *Genealogia*, incluindo-se aí a ideia de um “esquecimento ativo”. Nesta perspectiva, podemos dizer então que, no mínimo, Foucault nos adverte para termos uma certa cautela quando lermos esses aforismos da chamada fase intermediária do pensamento de Nietzsche, que se utilizam do termo *Ursprung*. Já estamos aqui, obviamente, diante do processo de historicização da moral efetuado por Nietzsche, embora ele ainda empregue um termo ambivalente.¹⁵ É como se na *Genealogia* o uso de *Herkunft* aplainasse o terreno e restituísse ao processo histórico uma clareza que o uso do *Ursprung* acabava por encobrir.

O terceiro grupo tem o título geral de *Herkunft*, englobando quatro aforismos de *Humano, demasiado humano I* (HH I 169, 219, 226, 572), três de *Aurora* (A 42, 247, 49), cinco de *A gaia ciência* (GC 57, 135, 348, 349, 354), quatro de *Além de bem e mal* (BM 200, 242, 244, 260), sete passagens de *A genealogia da moral* (GM, Prefácio 2, 4, I 5; II

¹⁵ Não esqueçamos que no horizonte de Nietzsche está sua confrontação com Paul Rée, o que não escapa a Foucault (1994, II, p.137; MP, p. 17), que publicara o seu *Ursprung der moralischen Empfindungen* em 1877.

2, 4; III 20) e uma de *Crepúsculo dos ídolos*. Desse grupo, onze referências aparecerão em NGH.

Por que em relação à questão da *Herkunft* vamos encontrar o maior número de referências a textos de Nietzsche? O que essa significativa quantidade pode indicar? Tendo a pensar que isso se deve ao fato de que a *Herkunft* diz respeito a um tema fundamental do pensamento do próprio Foucault nos diferentes momentos de sua obra: o do corpo. Nesse momento específico, não certamente por acaso, Foucault começa a fazer o *tournant* rumo às noções de “corpo supliciado”, “corpo disciplinado” e “corpo dócil”, que ocuparão o centro do *Vigiar e punir* (1975) e que foram antecipadas nos cursos do Collège de France, em especial *O poder psiquiátrico* (1973-1974) e *Os anormais* (1974-1975).

Para justificar a posição de que a questão da *Herkunft* diz respeito especialmente ao corpo, Foucault cita outro aforismo de BM, desta feita o §200, transcrevendo em alemão um trecho do começo do aforismo, em sequência à referência bibliográfica: “*Der Mensch aus einem Auflösungszeitalters...der die Erbschaft einer vielfältigere Herkunft im Leib hat*” (FOUCAULT, 1994, II, p. 142, nota 3; 1979, p. 22, nota 25, trecho todo em itálico no artigo de Foucault).¹⁶ Lembremos que em alemão *Leib* é o corpo vivo, imerso no meio ambiente ou na cultura, o oposto da matéria física, inanimada, esta última mais próxima de corpo como *Körper*. Embora em francês “corps” seja ao mesmo tempo o físico e o cultural – como em português, aliás – é justamente o corpo como *Leib* que vai ser o objeto do “poder disciplinar”, ou seja, aquele que pode ser transformado, moldado, adaptado pelas técnicas disciplinares. Será também o *Leib*, desta vez ligado à população, o objeto da biopolítica e/ou do biopoder, no interior do “dispositivo de sexualidade”. A diferença entre *Leib* e *Körper* está muito próxima daquela que é possível estabelecer, salvo muitas ressalvas, entre *bios* e *zoé*, na célebre citação de Aristóteles retomada por Foucault em uma passagem decisiva do último capítulo de “A vontade de saber”, o primeiro volume da *História da sexualidade*, de 1976.¹⁷

O quarto grupo tem o título geral de *Entstehung*, sendo formado por cinco referências à *Genealogia da moral* (I 2; II 6, 12, 19 e III 13), três de *Além de bem e mal* (BM 200, 260, 262), uma de *O andarilho e sua sombra* (AS 3) e cinco de *A gaia ciência* (GC 111, 148, 300, 345, 347). Desse grupo, quatro referências vão aparecer em NGH.

Vejamos, a título de exemplo, o funcionamento interno do §111 de *Gaia Ciência* intitulado, significativamente, de “*Herkunft des Logischen*”, que Foucault prefere traduzir como “Nascimento do lógico”. Desde o começo, esse aforismo entrelaça

¹⁶ “O homem de uma era de dissolução... que traz no corpo [*Leib*] a herança [*Erbschaft*] de uma proveniência [*Herkunft*] múltipla”.

¹⁷ “O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão” (FOUCAULT, 1993, p. 134).

Herkunft e *Entstehung*, pois enquanto o título se refere a *Herkunft*, a pergunta que abre o aforismo se refere ao verbo *entstehen*: “Woher ist der Logik im menschlichen Köpfe entstanden? Gewiss aus der Unlogik, deren Reich ursprünglich ungeheuer gewesen sein muss” (GC 111, KSA 3, p. 471-472), que traduzo assim: “De onde surgiu a lógica nas cabeças humanas? Certamente do ilógico, cujo império deve ser sido, originariamente, enorme”. Antes do “lógico” portanto, está o “império do ilógico”, resultado de uma espécie de confusão da linguagem, que torna “igual” o que apenas é “semelhante” e, portanto, institui a ideia de “substância” em oposição ao que está “em fluxo” (*im Flusse*). É dessa oposição que “o conceito de substância surge” (*der Begriff der Substanz entstehe*), de tal modo que a ele nada corresponde ao que chamamos de “real” (*Wirklich*). Por fim, ao traduzir neste caso *Herkunft* por *naissance*, Foucault está mostrando o quanto o entrelaçamento entre *Herkunft* e *Entstehung* é esclarecedor do uso que se pode fazer de outras palavras que dizem respeito não mais à ideia de “substância”, mas sim à de “fluxo” ou melhor dizendo de “vir a ser”, do que está “em devir”. *Naissance*, “nascimento”, equivalente em alemão a *Geburt*, seria uma dessas palavras, tal como *O nascimento da tragédia* já mostrava.

O quinto e último grupo, é composto de anotações, nas quais outros termos são adicionados: *Erfindung*, (GC 153), *Abkunft* - “linhagem” - (GC 127; A 44 e 45; BM 260); *Erzeugung* - “produção”, “fabricação” - (HH I 233) e *Vorgeschichte* - “pré-história” - (GC 335). Desse grupo, apenas uma referência aparecerá em NGH.

Um exemplo retirado desse grupo justifica a afirmação de Ewald e Harcourt já referida, de que as anotações de Foucault constituem uma espécie de arquivo, do qual ele lançará mão sempre que se fizer necessário. Esse exemplo diz respeito ao uso da palavra *Erfindung* na primeira conferência de *A verdade e as formas jurídicas*, proferidas na PUC/RJ em maio de 1973.

Essa conferência é uma das mais importantes para compreendermos o papel que Nietzsche desempenhou no pensamento de Foucault da década de 1970. Nela, Foucault se utiliza de Nietzsche para fundamentar sua própria posição metodológica, que chamará também de “genealogia”. Retomando o texto de Nietzsche de 1873, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, ele vai destacar a importância do uso da palavra *Erfindung*, quando Nietzsche afirma que o conhecimento foi *inventado*¹⁸:

¹⁸ No texto de Nietzsche: “In irgend einen abgelegenen Winkel des in zahllosen Sonnensystemen flimmernd ausgegossenen Weltalls gab es einam ein Gestirn, auf dem kluge Thiere das Erkennen *erfanden*” (KSA, 1, p. 876, grifo meu). Na tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho: “Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes *inventaram* o conhecimento” (NIETZSCHE, 1978, p. 45, grifo meu). É bem provável que Foucault tenha sido chamado atenção para esse texto de Nietzsche na publicação francesa, em 1969, de uma coletânea de póstumos de Nietzsche entre 1872-1875, que segundo edições anteriores à Colli-Montinari fariam parte de um livro dedicado à figura do filósofo, o chamado “Das Philosophenbuch”. A tradutora e apresentadora dessa coletânea, Angèle Kremer-Marietti cita Foucault na sua introdução a propósito da importância de Nietzsche para a questão da “morte do homem” em *As palavras e as coisas* (NIETZSCHE, 1969, p. 10). O texto de Nietzsche é traduzido assim: “En quelque coin écarté de l’univers répandu dans le flamboiement d’innombrables systèmes solaires, il y eut une fois une

Nietzsche afirma que em um determinado lugar do universo, animais inteligentes inventaram o conhecimento; a palavra que emprega, invenção – o termo alemão é *Erfindung* – é frequentemente retomada em seus textos, e sempre com sentido e intenção polêmicos. Quando fala de *invenção*, Nietzsche tem sempre em mente uma palavra que opõe a invenção, a palavra *origem*. Quando diz *invenção* é para não dizer *origem*; quando diz *Erfindung* é para não dizer *Ursprung* (FOUCAULT, 2013, p. 23).

Em seguida, para corroborar sua tese, Foucault se refere a dois aforismos de *A Gaia Ciência* e à Primeira Dissertação da *Genealogia*, nos quais as “origens” da religião, da poesia e do ideal não remetem a uma origem, mas às ideias de fabricação e invenção. Em um comentário aparentemente lateral, mas decisivo para compreender o lugar de Nietzsche no “discurso filosófico” segundo Foucault, este diz a propósito de “Sobre verdade e mentira”: “Falo de insolência nesse texto de Nietzsche, porque não devemos esquecer que em 1873 estamos em pleno neokantismo. E a ideia de que o tempo e o espaço podem preexistir ao conhecimento, a ideia de que o tempo e o espaço não são formas de conhecimento, mas, pelo contrário, espécie de rochas primitivas sobre as quais o conhecimento vem se fixar, é para a época absolutamente inadmissível” (FOUCAULT, 2013, p. 23).

A confrontação de Foucault com as traduções francesas de Nietzsche, minuciosamente anotadas nas fichas, vai aparecer explicitamente em NGH de duas maneiras diferentes: uma primeira, quando Foucault transcreve em alemão o texto de Nietzsche, como por exemplo na referência ao §200 de *A gaia ciência* (FOUCAULT, 1994, II, p.142, nota 3), para destacar as ideias de “*Erbschaft*” e “*Herkunft*”, ou ainda na referência à seção 17 da 3ª dissertação da *Genealogia*, desta feita para destacar que se trata da “*Abkunft*” do “*sentiment dépressif*” (FOUCAULT, 1994, II, p.141, nota 2); uma segunda, quando Foucault cita a tradução francesa no texto mesmo de NGH, só que fazendo a correção que considera necessária, tal como na citação do §49 de *Aurora*, na qual a palavra “*Abkunft*”, traduzida por “*origine*”, é retraduzida por Foucault como “*naissance*” (FOUCAULT, 1994, II, p. 139, nota 2) ou ainda na citação da seção 6 da 2ª Dissertação da *Genealogia*, quando a tradução de “*Enstehungsheerd*” por “*foyer d’origine*” é substituída por “*foyer d’émergence*”, assim como na referência ao §111 de *Gaia ciência*, no qual não se trata mais de “*origine de la logique*”, mas sim de “*naissance de la logique*” (FOUCAULT, 1994, II, p.145, nota 3), tal como já nos referimos há pouco.

Esses cinco blocos de anotações constituem, portanto, a base sobre a qual as

étoile sur laquelle des animaux intelligents *inventèrent* la connaissance” (NIETZSCHE, 1969, p. 117, grifo meu).

quatro primeiras seções de NHG se desenvolvem,¹⁹ ou seja, as seções nas quais Foucault nos adverte acerca da flutuação do uso de *Ursprung* em Nietzsche e, ao mesmo tempo, procura mostrar como Nietzsche constrói uma alternativa à concepção metafísica de “origem”. Esse esforço filológico, apesar das críticas que ele pode ainda suscitar, serve de base para a interpretação de Foucault nas seções restantes de seu texto, nas quais ele procura entender o significado e a importância da crítica de Nietzsche ao historicismo, finalizando com uma retomada do papel decisivo da *Segunda consideração extemporânea*. Assim sendo, apesar das críticas, que nem sempre são pertinentes na sua totalidade, Foucault, *malgré lui*, foi um dos primeiros a compreender o alcance e o significado do trabalho que resultou na edição crítica das obras de Nietzsche, a conhecida edição Colli-Montinari.

3. Considerações Finais

Foi o inesperado sucesso de *As palavras e as coisas* que tornou Foucault um filósofo célebre, imediatamente etiquetado como “estruturalista”. Desse sucesso decorreu um considerável número de críticas, em especial aquelas advindas de Sartre. Em diversos momentos de sua trajetória Foucault retomou essas críticas, em geral para mostrar sua impropriedade. Entretanto, a publicação recente de *O discurso filosófico*, um livro que permaneceu inédito até 2023 e que foi escrito no calor daqueles debates, sinaliza com clareza o quanto Foucault considera Nietzsche a peça fundamental para mostrar a especificidade do “discurso filosófico” em nossa época.

A tarefa do filósofo é definida desde as primeiras linhas do livro como sendo a de “diagnosticador” do seu presente e de sua época (FOUCAULT, 2023, p. 13). É a Nietzsche que Foucault atribui essa mudança significativa no estatuto da filosofia e no significado da figura do filósofo. Não que essa tarefa seja inteiramente nova. Pelo contrário, ela é coetânea ao nascimento da própria filosofia no Ocidente. Entretanto, o que caracterizou essa tarefa, da qual nem os pensadores modernos como Descartes, Hegel e Kant escaparam inteiramente, foi a busca por um sentido escondido e, ao mesmo tempo, por uma luta contra o mal. Se, desde os gregos, a figura do filósofo se misturou à do médico, se a filosofia se apresentava também como uma forma de terapia, o “médico da cultura” tal como pensado por Nietzsche está além do significado clássico dessa tarefa (FOUCAULT, 2023, p. 16). Trata-se agora de um médico que não tem mais por missão curar nem melhorar as coisas ou ainda abafar os gritos ou reconciliar. Não se trata, portanto, nem de encontrar uma cura por meio do desvelamento de um sentido ou ainda – aqui, claramente contra Heidegger – de superar o “esquecimento do ser”, mas de “fazer cintilar um momento no fio das palavras, aquilo que é o ‘hoje’” (FOUCAULT, 2023, p. 17). O filósofo, portanto, não é o

¹⁹ NGH é composto por sete seções, numeradas pelo próprio Foucault. Essa numeração está ausente no texto publicado na *Hommage* a Hyppolite.

“pastor do Ser”, mas “o homem do dia e do momento, muito mais próximo do que nunca do [homem de] passagem”. Trata-se, portanto, de um discurso ironicamente descrito por Foucault como “docemente inútil”.

Assim sendo, a ruptura que Nietzsche introduz no discurso filosófico não consiste nem em pensar até que ponto superamos a metafísica, menos ainda em propor que nossa tarefa seria a de reconduzi-la ao seu solo originário, à sua origem grega. Ao contrário, Nietzsche decompôs o discurso filosófico, de tal modo que “filosofar, não obstante, não é mais discorrer sobre um modo singular e irreduzível a qualquer outro, mas de discorrer no espaço e na forma de outros discursos resvalando sinuosamente neste lugar de onde eles falam: eis aqui o filósofo tornado filólogo, historiador, genealogista, ‘psicólogo’, analista da vida e da força” (FOUCAULT, 2023, p. 179).

No comentário histórico-filológico dos organizadores de *O discurso filosófico* (FOUCAULT, 2023, p. 188, nota 9), estes argumentam com justeza que essa posição de Foucault abre as perspectivas futuras de sua leitura de Nietzsche, tornando bastante esclarecedora a passagem da arqueologia, que teria como tarefa descrever o aparecimento dos saberes, para a perspectiva mais propriamente histórica, vinculada ao diagnóstico do presente. Este, por sua vez, caracteriza a genealogia sem, entretanto, dizer que a descrição arqueológica tenha sido abandonada completamente, mas que ela precisa ser complementada pelo enraizamento histórico dos discursos, para poder acessar o “hoje”, o “presente”. A metafísica, ao contrário, o diz explicitamente Foucault em NGH, “coloca o presente na origem” (FOUCAULT, 1994, II, p. 1423; 1979, p. 23). Eis, portanto, o resultado importante e decisivo da perspectiva genealógica, da qual “Nietzsche, a genealogia e a história” constitui uma espécie de acabamento dessa imbricação entre arqueologia e genealogia: o “presente” só é compreendido historicamente. Mas para tanto se faz necessário uma outra concepção de história, qual seja, a “genealogia”.

Os organizadores de *O Discurso filosófico* se utilizam de um manuscrito ainda não publicado, o de um curso sobre Nietzsche que Foucault ministrou em Vincennes em 1969-1970, no qual Foucault afirma que se faz necessária uma “história do genealogista” na medida em que “é preciso saber diagnosticar as doenças do corpo, os estados de fraqueza e de energia, suas fendas e suas resistências para julgar o que é um *discurso filosófico*” (FOUCAULT, 2023, p. 188, nota 9; grifo meu). Podemos reencontrar esse mesmo argumento em diversos momentos de NGH a propósito do lugar do corpo nos estudos sobre a *Herkunft*. Esse lugar reafirma a posição do “genealogista” em relação aos “historiadores” formados na escola do Historicismo: “A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação entre o corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1994, II, p. 143; 1979, p. 22).

Enfim, como afirmei desde o começo deste artigo, se torna urgente, importante e necessária uma retomada do pensamento de Foucault e de textos demasiadamente comentados, como é o caso de “Nietzsche, a genealogia e a história”, à luz do estado atual de publicação de seus escritos.

Referências Bibliográficas:

ALVAREZ, M. C. “Foucault e a Sociologia: aproximações e tensões”. *Estudos de Sociologia*, v. 20, nº 38, 2015.

ANSELL-PEARSON, K. “The Significance of Michel Foucault’s reading of Nietzsche: Power, the Subject and Political Theory”. *Nietzsche-Studien*, 20, 1991.

BOUTIN, S. “Die Dramatisierung der Macht. Zur Genealogie von Foucaults Metapher der Werkzeugkiste”. *Le Foucauldien*. Open Access Journal for Research along Foucault Lines, Dec. 2015.

CAMPIONI, G. *Leggere Nietzsche. Alle origine dell’edizione critica Colli-Montinari*. Pisa: ETS, 1992.

CHAVES, E. “*Ursprung, Herkunft, Entstehung*: sur la g nese de 'Nietzsche, la g n logie, l'histoire', de Michel Foucault”. In: D'IORIO, P; FORNARI, M.C; LUPPO, L.; PIAZZESI, C.. (Org.). *Prospettive. Ommagio a Giuliano Campioni*. Pisa: ETS, 2015.

COLLI, G. et MONTINARI, M. “ tat des textes de Nietzsche”. In: *Nietzsche. Cahiers du Royaumont*. Paris: Les  ditions du Minuit, 1967.

DEFERT, D. “Como Foucault trabalhava”. In: DEFERT, D. *Uma vida política*. S o Paulo: n-1 Edi es, 2022.

EWALD, F et HARCOURT, B. E. “Situation du cours”. IN: FOUCAULT, M. (2015). *Théories et institutions pénales*. Cours au Collège de France, 1972-1973. Paris: Gallimard/Seuil, 2015.

FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, 4 vols.

_____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. “Nietzsche, la g n logie et l'histoire”. In: BACHELARD, S. et alli (dir.), *Hommage a Jean Hyppolite*. Paris: PUF, 1971.

_____. “Sobre a prisão”. In: *Microfísica do poder*, op. cit.

_____. “Os intelectuais e o poder”. In: *Microfísica do poder*, op. cit.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Nau Editora, 2013.

_____. *A ordem do discurso*, 10ª ed., São Paulo: Editora Loyola, 2004.

_____. *O nascimento da clínica*, 7ª ed., Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 2020.

_____. *As palavras e as coisas*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GARCIA, F. V. *Cómo hacer cosas con Foucault. Instrucciones de uso*. Madrid: Dado Ediciones, 2021.

NIETZSCHE, F. *Kritische Studienausgabe*: Berlin/New York/München, Walter de Gruyter, 1982.

_____. *Além de bem e mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____. *Humano, demasiado humano I*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Obras Incompletas*. 2ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978 [Coleção “Os Pensadores”].

_____. *Le livre du philosophe*. Paris: Flammarion, 1969.

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIGRO, R. “ ‘Comunista nietzschéen’. L’ experience Marx de Foucault”. In: LAVAL, C., PALTRINIERI, L., TAYLAN, F. (dir.), *Marx & Foucault. Lectures, usages et confrontations*. Paris: Éditions La Découverte, 2015.

ORSUCCI, A. *Genealogia della morale. Introduzione alla lettura*. Roma: Carocci editore, 2001.

SAAR, M. *Genealogie als Kritik. Geschichte und Theorie des Subjekts nach Nietzsche und Foucault*. Frankfurt/New York: Campus Verlag, 2007.

Recebido: 04/01/2024

Aprovado: 31/01/2024

Received: 04/01/2024

Approved: 31/01/2024